



# *Localização e origem linguística dos Guarani-Ñandéva*

## *Localization and linguistic origin of the Guarani-Ñandéva*

Márcio Amieiro Nunes<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo, faremos uma breve abordagem linguística do dialeto falado pelo subgrupo Guarani-Ñandéva. Com base nos principais pesquisadores da área como Rodrigues (2002) e Schaden (1962), buscamos os fatos mais relevantes sobre o povo Guarani, tanto em sua localização territorial, quanto em suas raízes linguísticas. Nosso principal objetivo é, no entanto, divulgar a cultura nativa e refletir sobre algumas questões da linguagem que envolvem o dialeto do subgrupo Ñandéva. Em um primeiro momento, destacamos alguns fatores migratórios e territoriais, a fim de alcançarmos uma conexão mais profunda concernente às diferenças étnicas que influenciaram na linguagem desse subgrupo Guarani. Como não há muitos estudos linguísticos sobre os Ñandéva, percebemos a necessidade de mais pesquisas acerca das línguas nativas, as quais estão cada vez sendo menos falada pelo seu próprio povo. Assim, muitas delas correm o risco de morrerem ou serem extintas sem que haja qualquer investigação específica e aprofundada sobre elas. Devido a isso, direcionamos este estudo à língua dos Ñandéva, citando, brevemente, alguns acontecimentos históricos, com a finalidade em despertar maior interesse pelo assunto, deixando assim, o campo aberto para outras pesquisas nesta área. Quanto a sua população, não há um número exato, mas apenas estimativas, por exemplo, ao confrontarmos o último censo (2010) feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com os números apresentados pela Fundação Nacional do Índio (Funai) e Fundação Nacional de Saúde (Funasa) percebemos que há divergências nos dados divulgados em cada instituição. Em um segundo momento, com base na pesquisa feita por Mello (2007), abordamos alguns depoimentos de nativos que apontam, não apenas às diferenças linguísticas do dialeto Ñandéva, até mesmo em comparação às aldeias espalhadas em diferentes regiões do país, mas também à denominação atribuída aos outros povos dos subgrupos Guarani. Com isso, pretendemos despertar mais interesse pelos estudos das línguas ameríndias, nesse caso, do povo Guarani, especialmente do subgrupo Ñandéva.

**Palavras-chave:** linguagem; dialeto; língua nativa; etnias.

**Abstract:** In this article, we will make a brief linguistic approach to the dialect spoken by the Guarani-Ñandéva subgroup. Based on main researchers in the field such as Rodrigues (2002) and Schaden (1962), we search the most relevant facts about the Guarani people, both in their localization, and in their linguistic roots. However, our main goal is to spread the native culture and reflect about some language issues which involve the Ñandéva subgroup dialect. Firstly, we highlight some migratory and territorial factors, in order to reach a deeper connection as regards the ethnic differences which influenced the language of this Guarani subgroup. Since there are not enough linguistic studies in regard to the Ñandéva, we have realized the need for more research about the native language, which are being less and not as much spoken by their own people. For this reason, many of these languages are at risk of dying or becoming extinct without any specific and in-depth investigation about them. Due to this, we direct this study to the Ñandéva language, briefly citing some historical events, for the purpose of arousing greater interest in the subject, thus leaving the field open for further research in this area. As for their population, there is no exact count but only estimates, for instance,

<sup>1</sup> Mestrando em Letras na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. E-mail: [marcioamieiro@gmail.com](mailto:marcioamieiro@gmail.com)

## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

by comparing the last census (2010) made by the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), with the figures presented by the National Indian Foundation (Funai) and, National Health Foundation (Funasa) we noticed that there are differences in the data disclosed in each institution. Secondly, based on the research done by Mello (2007), we address some testimonials from natives who point out, not only to the linguistic differences of the Ñandéva dialect, even compared to the villages scattered in different regions of the country, but also to the denomination attributed to the other peoples of the Guarani subgroups. Thus, we intend to arouse more interest in Amerindian languages studies, in this case, of the Guarani people, especially the Ñandéva subgroup.

**Keywords:** language; dialect; native language; ethnicities.

### 1. *Introdução*

Chomsky (1965) apresenta a linguagem como uma capacidade inata ao ser humano (*gnose*), para ele, qualquer pessoa, independentemente de sua condição social, possui a habilidade da fala e a língua se manifesta mediante a sua aquisição, pressupondo um processo de dentro para fora, isto é, o ser humano já teria essa habilidade da linguagem e a língua se manifestaria naturalmente segundo as características socioculturais onde o sujeito estiver inserido. Esse seria um tipo de habilidade que é inerente a uma determinada espécie. Dessa forma, o princípio do inatismo coloca a experiência como algo não definidor, mas como ativador de uma determinada habilidade.

Rodrigues explica que essa “capacidade é uma qualidade desenvolvida pela espécie humana e se caracteriza por princípios e que, presentes em todo homem, facultam a qualquer criança desenvolver o domínio de qualquer língua (...)” (2002, p. 17). Assim, podemos afirmar que esse processo não ocorre apenas àquelas línguas que são consideradas línguas de “prestígio”, mas a qualquer língua falada em quaisquer comunidades.

Decerto, a língua de um povo é carregada de sua cultura, modo de enxergar o mundo e se adapta a sua realidade de vida, ou seja, conforme a necessidade da comunidade. De acordo com Rodrigues, “Cada qual tem usos e costumes próprios, com habilidades tecnológicas, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social e filosofia peculiares, resultantes de experiências de vida acumuladas e desenvolvidas em milhares de anos” (2002, p. 17).

Além disso, as línguas, principalmente na oralidade, são dinâmicas e vivas, isso quer dizer que elas não possuem uma estrutura fixa, conforme sugere o modelo saussuriano, mas passam por transformações, e não somente isso, Rodrigues (2002) explica que de uma língua pode surgir outras, por exemplo, caso uma comunidade que fala uma única língua sofra

## **I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – Letras Compartilhadas**

divisões, e cada uma dessas divisões estabeleça uma nova comunidade, de forma que se distanciem umas das outras habitando em regiões diferentes, ocorrerão variações na língua de acordo com a necessidade de cada comunidade, de tal forma que essa língua poderá distanciar-se uma das outras com o decorrer dos anos. Mas, mesmo assim, essa nova língua, afetada pelas suas variações e mudanças, constituirá uma família linguística que terá como base uma única língua anterior, que será denominada tronco linguístico. Nesse caso, segundo Rodrigues (2002), “as alterações linguísticas que ocorrem em cada comunidade não serão mais reajustadas em comum e, por descoincidirem em muitos casos, vão constituir diferenças entre suas falas” (p. 18).

Devido a isso, o estudo das línguas nativas no Brasil nos últimos anos não é feito apenas sob o viés da linguística descritiva, mas também abrange à linguística comparativa, conforme afirma Rodrigues (1963). Enquanto que a primeira busca documentar uma língua tal como ela se manifesta no momento da descrição, a segunda compara as línguas com a finalidade de identificar uma mesma origem ou mesma família. Podemos dizer, grosso modo, que a linguística descritiva está mais relacionada ao estudo sincrônico<sup>2</sup>, enquanto que a linguística comparativa se relaciona aos estudos históricos<sup>3</sup> de uma língua.

Esses estudos históricos buscam semelhanças entre línguas, a fim de encontrar uma língua anterior mais antiga. O português, por exemplo, pertence à família românica que é originada do latim, e num estudo comparativo, supõe-se a existência do Indo-europeu que é o tronco de cujas outras famílias linguísticas ocidentais originaram, conforme explica Rodrigues (2002). Portanto, podemos afirmar que a língua dos Guarani-Ñandéva não só pertence a uma família linguística como também a um tronco linguístico e, para entendermos a sua origem, faremos, a seguir, uma breve retrospectiva sobre as línguas nativas com ênfase no tronco Tupi e na sua família Tupi-Guarani.

### ***2. O tronco Tupi e suas famílias linguísticas***

A língua Tupi, também denominada como língua brasílica, era a mais conhecida pelos colonizadores por ser falada pelos tupinambás que habitavam na costa brasileira. Devido a

---

<sup>2</sup> Estuda os fatos linguísticos em uma determinada fase da língua, sem levar em conta o processo evolutivo.

<sup>3</sup> Estuda, a partir de sua origem, a evolução da língua através do tempo.

## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

ser uma língua que deu origem a várias outras, passou a ser denominada como tronco, os pesquisadores a qualificam como um dos troncos linguísticos mais sólidos das línguas nativas que, segundo Rodrigues (2005) e IBGE (2010), abrange cerca de 10 famílias linguísticas, entre elas, encontra-se o Tupi-Guarani. que se divide em 21 línguas e 12 dialetos.

A importância dada ao Tupi pelos colonizadores, no século XVI, era pelo fato de ser a língua de contato, assim, “a língua era focalizada não pelo interesse nela em si, enquanto objeto de estudo, mas com finalidade prática de estabelecer um meio de comunicação com os nativos” (SEKI, 1999, p. 261). De outro lado, paralelo ao Tupi, Rodrigues (2002) menciona a existência da língua Guarani, que também foi documentada no século XVI, mas era falada nas regiões que estavam sob o domínio espanhol. Em virtude disso, o pesquisador faz a distinção entre os dois idiomas, o Tupi antigo e o Guarani antigo que, supostamente pela semelhança, vieram de uma língua ancestral anterior. Portanto, Rodrigues (2002) afirma que se convencionou chamar de Tupi-Guarani uma das famílias linguísticas provenientes do tronco Tupi, devido à correspondência de vocabulários, sons e sintaxe existentes nessas duas línguas, Tupi antigo e Guarani antigo.

A família Tupi-Guarani caracteriza-se por grande dispersão geográfica: suas línguas são faladas nas diferentes regiões do Brasil e também em outros países da América do Sul (Bolívia, Peru, Venezuela, Guiana Francesa, Colômbia, Paraguai e Argentina). As demais famílias do tronco Tupi estão todas localizadas em território brasileiro, ao sul do rio Ama- zonas. (SEKI, 1999, p 259)

Como podemos observar, a família Tupi-Guarani abrange não apenas o território nacional, mas também alguns países da América do Sul, enquanto que o tronco Tupi está restrito apenas ao limite territorial do Brasil. As línguas e dialetos pertencentes à família Tupi-Guarani são: Akwawá (*Asuriní do Tocantins; Suruí do Tocantins; Parakanã*); Amanayé; Anambé; Apiaká; Araweté; Asuriní do Xingu; Avá; Guajá; Guarani (*Kaiwá; Mbiá; Ñandéva*); Kamayúá; Kayabí; Kokáma; Língua Geral Amazônica; Omágua; Parintintin (*Diabó; Júma; Kagwahú; Tenharín*); Tapirapé; Tenetehára (*Guajajara; Tembê*); Uruewauwáu; Urubú; Wayampí, Xetá, conforme apresentado por Rodrigues (2002, p. 39).

É importante ressaltar que os Ñandéva quando se referem a sua língua o termo usado é *ñandéayvú*, ou *oréayvú*, a primeira inclui a pessoa com quem se fala (eu + tu/vocês) e a segunda a exclui (eu + eles), ambos significam “nossa língua”. Dessa forma, segundo

## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

Nimuendajú (1987), eles “não designam sua língua pelo termo usual do Guarani antigo e paraguaio *ava-ñeé*” (p. 17). Observa-se, então, que a palavra usada para língua é *ñeé*. Porém, tal palavra é designada apenas à voz animal e nunca se aplica a uma língua natural, quando usada pelos Nandeva. Nesse caso, o termo usado por eles referindo-se à “língua” é *ayvú* que no Guarani antigo significava “ruído”. Ainda de acordo com Nimuendajú, as “palavras *ñeé* e *ayvu* mudaram seu significado de forma peculiar nos dialetos em questão” (1987, p. 17, *grifos* do autor).

### 3. *Nome, origem e mitos do subgrupo Guarani-Ñandéva*

A princípio, a denominação usada por Nimuendajú (1987, p. 8)) a esse subgrupo foi *Apapocúva* “homem dos arcos compridos”. Ele explica, no entanto, que era apenas uma alcunha não reconhecida no território brasileiro, nem no paraguaio, mas como ele não conhecia nenhuma nomenclatura para diferenciá-los das demais hordas Guarani, adotou o nome *Apapocúva*. Sobre essa questão da nomenclatura, Schaden<sup>4</sup> explica que

*Ñandeva* (os que somos nós, os que são dos nossos) é autodenominação de todos os Guarani. Gostam de usar expressões como *ñandevaekuére* (nossa gente), *ñandeva eté* (é mesmo nossa gente), *txé ñandeva eté* (eu sou mesmo guarani, *um dos nossos*) e outros semelhantes. Mas é a *única* denominação usada pelas comunidades que falam o dialeto registrado por Nimuendajú com o nome de Apapocúva e que parece ter sido falado também pelos Tañyguá e algumas outras hordas mencionadas por aquele autor. Proponho, por isso, que se reserve o nome Nandeva para essa subdivisão. (1974, p. 2, *grifos* do autor)

Dessa forma, Schaden (1974) propõe denominar esse subgrupo Guarani como Ñandéva e não mais como Apapocúva, denominação usada anteriormente por Nimuendajú. Em nota, Schaden lembra ainda que, segundo os registros de Curt Nimuendajú (1914), quando “os Guarani em sua língua se referem a si próprios como povo ou como horda, empregam a expressão ‘Ñandéva’, no caso de incluir a pessoa a que se fala, e ‘Oréva’, quando a pessoa que fala é de outra tribo”. Tanto a primeira, como a segunda expressão significam

---

<sup>4</sup> O antropólogo Egon Schaden foi um dos maiores pesquisadores do povo Guarani e, atualmente, ainda é citado pela maioria dos autores que escreveram sobre esse povo nativo. Schaden faz diversas citações às obras do etnólogo alemão Curt Nimuendajú, afirmando que por intermédio suas pesquisas o subgrupo Guarani Ñandéva tornou-se conhecido.

## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

“nossa gente”, porém, “a segunda expressão com exclusão e a primeira com inclusão da pessoa a que se dirige a palavra”. Além disso, com base nas informações colhidas pelo próprio Schaden, “os membros da tribo quando se encontram, sem se conhecerem, identificam-se dizendo: ‘Txé ñandéva’, eu também sou Guarani” (p. 15). Porém, Nimuendajú (1914/1987) acrescenta que só “quem fala o mesmo dialeto é considerado pelos Guarani como membro da tribo”, isto é, pertencentes a mesma tribo (p. 7).

Em suma, os Ñandéva pertencem a uma subdivisão do povo Guarani, conforme explica o antropólogo Schaden, os “Guarani do Brasil Meridional podem ser divididos em três grandes grupos: os Ñandéva (aos quais pertencem os Apapokúva, que se tornaram famosos pelo trabalho de Curt Nimuendajú), os Mbiá e os Kayová” (1974, p. 2). Limitamos este estudo apenas ao povo Ñandéva que, desde a época das pesquisas de Schaden, possuía aldeias em regiões no litoral e também no interior paulista. Conforme os relatos do antropólogo, seu maior contato foi com os Ñandéva de Mato Grosso do Sul, pertencentes ao sul do estado, Dourados e regiões fronteiriças com o Paraguai.

Outro fator relevante é o sentido de *tekoha*, para os Guarani significa “lugar onde realizamos nosso modo de ser” (ISA, 2011, p. 656), ou “o lugar onde somos o que somos” (CONSEA, 2016, p. 4). Isto é, viver de acordo com seus costumes. Nesse lugar deve haver condições suficientes, tanto ecológicas como geográficas, para que eles possam exercer todas as suas atividades (religiosa, familiar, social, agrícola etc.) com base na sua cultura tradicional. “O Tekoha significa um lugar de pertencimento onde buscam a subsistência, produzem sua cultura e cultivam a solidariedade e a generosidade” (CONSEA, 2017, p. 4).

De acordo com Schallenberger e Santos (2013), a terra (*tekoha*) não é apenas um espaço geográfico, pois tudo que nela há são entes vivos que possuem poderes e espíritos e, assim como nós, a terra possui alma e sentimentos, por isso ela não é considerada um bem que possa ser negociado, vendê-la seria uma atitude inconcebível. Além disso, acrescentam os autores, evita-se até mesmo alterar suas paisagens naturais. Caso um lugar seja transformado pelo homem, tal lugar perde a proteção do espírito que o protege de todo mal que vaga pelo mundo. Assim, aquele local torna-se inabitável e vulnerável a qualquer tipo de catástrofe.

## **I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – Letras Compartilhadas**

Com base em seus mitos e crenças, Nimuendajú (1987) afirma que uma das principais migrações Nandéva, em busca de uma terra ideal, ocorre entre os séculos XIX e XX. Um dos motivos que impulsionou essa migração, além da chegada dos colonizadores, Guerra do Paraguai, escravização e extermínio dos nativos, foi o mito profético religioso que é relatado na literatura Nandéva denominado “Terra sem Males”. Em síntese, nesse mito, busca-se por uma “terra sem mal”, pois acreditava-se que após a primeira terra ser devastada pela invasão dos colonizadores, a segunda terra já estaria condenada à destruição. Assim, muitos deles partiram em busca de um paraíso terreno não dominado pelo homem branco e, com isso, também escapariam da destruição da segunda terra.

É, portanto, por meio dessa crença que ocorre o êxodo da região a qual eles habitavam nas proximidades do Rio Iguatemi (MS), que nesse período ainda era território paraguaio. As migrações dos Nandéva tiveram como ponto de partida a região de Porto Lindo (MS), segundo o etnólogo Curt Nimuendajú<sup>5</sup>, citado por Schaden (1974). Outros pesquisadores também citam essa localização. Por Exemplo, de acordo com Costa (2007), tal como Nimuendajú, foi a partir da região do Rio Iguatemi (MS) que “partiram seus ancestrais, há mais de um século, em levas que viriam a formar as aldeias Nhandewa-Guarani paulista-paranaenses atuais. Pelas mesmas razões históricas, seu dialeto e cultura distanciam-se do dialeto Nhandeva de aldeias do Paraguai” (p. 10). Dessa forma, eles se dividiram e ocuparam outras regiões, formando aldeias em São Paulo e Paraná. Por essa razão, seus dialetos distanciam-se do dialeto falado pelos Nandéva que permaneceram nas aldeias do Paraguai, conforme explica Costa (2007).

### **4. População e localização do povo Guaraní-Nandéva**

Segundo o IBGE, a população nativa, no Brasil, aumentou de 294.131 (1991) para 817.963 (2010), ou seja, um aumento de 178%, enquanto que a população nacional cresceu quase 30% nesse mesmo período. Amazonas (168.680), Mato Grosso do Sul (73.295) e Bahia (56.381) são os três estados com maior índice de população nativa de acordo com a amostra publicada pelo IBGE (2010). De outro lado, o aumento da população nativa em área urbana

---

<sup>5</sup> O modo como ocorreram essas migrações pode ser vista com mais detalhes no livro de Nimuendajú – *As lendas da criação e destruição do mundo*.

## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

foi muito maior do que na área rural. Para o IBGE, os números são bastante expressivos, entretanto, não se deve considerá-los apenas em seus aspectos demográficos, mas também ao aumento de pessoas que passaram a se declarar como nativos, indígenas.

Quanto a sua localização, o antropólogo Egon Schaden (1962), cita algumas aldeias Nandéva que visitou durante suas pesquisas: Bananal/SP – a maior parte dos habitantes eram imigrantes de origem fronteiriça com o Paraguai e Porto Lindo/MS; Itariri/SP – com aproximadamente 10 famílias; Araribá/SP (atualmente Nimuendaju) – próximo a Bauru, e em sua maior parte os habitantes pertenciam ao grupo Nandéva; Dourados/MS – dividia as terras com os subgrupos Guaraní Kaiowá e Terena; Teicû/MS – na sua maioria eram Kaiowá, mas com alguns Nandéva entre eles; Porto Lindo/MS – a maior parte era Nandéva e encontrava-se localizados entre a Serra de Maracaju e o Rio Iguatemi.

Baseado em dados mais recentes fornecidos pelo Funai e Funasa, os Guaraní-Nandéva no Brasil estão localizados nos estados de Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo, somando uma população total aproximada de 13.000 pessoas<sup>6</sup>. No Uruguai há uma população total de 14.887 e na Argentina de 1.000 pessoas, de acordo com os resultados das amostras e censos realizados entre 2006 e 2010 e divulgados pelo Instituto Socioambiental (ISA) em 2011.

Conforme vimos anteriormente, Mato Grosso do Sul é o segundo estado com maior população nativa no Brasil de acordo com o IBGE (2010), e possui mais alguns assentamentos Nandéva espalhados pelos municípios (*terras indígenas*)<sup>7</sup> de: Amambai (*Amambai, Jaguarí*), Paranhos (*Arroio-Korá, Pirajuí, Potrero Guaçu, Sete Cerros*), Caarapó (*Caarapó*), Eldorado (*Cerrito*), Dourados (*Dourados*), Juti (*Jarara*), Tacuru (*Sassoró*), Sete Quedas (*Sombreiro*), Japorã (*Yvy Katu*). Nessas aldeias indígenas de Mato Grosso do Sul, há assentamentos que são divididos com outras famílias das tribos Kaiowá e Terena, em outros estados com as tribos Kaingang, Mbya etc. Lamentavelmente, em muitas dessas *tekoha* as condições para os nativos ainda são precárias, o que ocasiona superpopulação, aumento do número de suicídios e violência intrafamiliar, conforme informado no ISA (2011).

---

<sup>6</sup> População total 13.000 (Funasa/Funai, 2008), localizada nos estados de MS, PR, RS, SC, SP – dados divulgados pelo ISA (2011, p. 10). Por outro lado, a população total divulgada pelo IBGE (2010) é de 8.596 pessoas com 4.887 falantes.

<sup>7</sup> *Terras indígenas* é a nomeação dada pelo próprio ISA, porém ainda há algumas que não foram homologadas e aguardam decisão judicial.



## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

Além de Mato Grosso do Sul, há alguns municípios onde os Guarani-Ñandéva se localizavam em outros estados, segundo os registros fornecidos pelo ISA (2011): Avaí/SP (*Araribá*), São Miguel do Iguacu/PR (*Avá Guarani/Ocoi*), São Jerônimo da Serra/PR (*Barão de Antonina I, São Jerônimo da Serra*), Cacique Doble/RS (*Cacique Doble*), Cunha Porã/SC (*Guarani de Araçá'í*), Saudades/SC (*Guarani de Araçá'í*), Benjamin Constant do Sul/RS (*Guarani Votouro*), Retentora/RS (*Guarita*), Doutor Pedrinho, José Boiteux, Vitor Meireles, Itaiópolis/SC (*Ibirama-La Klãñõ*), Monguagá/SP (*Itaóca*), Itariri/SP (*Itariri*), Palhoça/SC (*Morro dos Cavalos*), Alpestre, Nonoai, Planalto, Rio dos Índios e Gramado dos Loureiros/RS (*Nonoai*), Peruíbe/SP (*Peruíbe, Piaçaguera*), Tomazina/PR (*Pinhalzinho*), Salesópolis, Bertioiga e São Sebastião/SP (*Ribeirão Silveira*), Diamante D'Oeste/PR (*Tekoha Añetete*), Guaíra/PR (*Tekoha Araguaju, Tekoha Porã*), Terra Roxa/PR (*Tekoha Maragatu*), Santa Amélia/PR (*Yvypporã Laranjinha*).

### 5. *Divergência denominacional entre os Ñandéva do sul*

Para finalizar, vamos abordar uma problematização quanto à denominação de seus grupos étnicos, principalmente em relação aos Ñandéva da região sul do país. Rodrigues (2002) ao classificar os subgrupos dos dialetos Guarani, classificou os Ñandéva também como Chiripá (*Txiripá*) ou apenas Guarani, provavelmente seguindo algumas classificações de pesquisadores anteriores. Entretanto, Mello (2007) ao pesquisar esses grupos, encontrou nativos que questionaram não só a denominação étnica, mas também à classificação do dialeto usado por eles.

Os Chiripá vêm tentando reforçar sua identidade perante os outros subgrupos Guarani (Mbya e Ñandéva), e até mesmo os Ñandéva do sul do Brasil (RS) têm rejeitado essa identificação como se eles fossem apenas um grupo, conforme explica Mello (2007). Quanto à língua, um dos entrevistados explica para Mello: “Hoje a gente fala a mesma linguagem (os Mbyá e os Chiripá). Agora, antigamente o Chiripá já tinha outra linguagem diferente dos outros Guarani”. Mais adiante, ele ainda explica que antes havia diferença entre os dois dialetos (Mbya e Chiripá), mas que hoje em dia os dois são muito semelhantes e, devido a isso, as pessoas confundem como sendo apenas um grupo. Porém, quando ele foi para “Rio das Cobras (PR)”, afirma o seguinte: “Os Guarani lá era toda linguagem diferente. Lá são

## **I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – Letras Compartilhadas**

tudo o Nhandeva. A linguagem não era daqui (...)” (MELLO, 2007, p. 51). Ou seja, ele é descendente de Chiripá e fala esse dialeto que, segundo ele, na atualidade assemelha-se mais ao Mbyá e não ao Ñandéva, conforme foi comparado por Rodrigues.

Mello (2007) ainda explica que “a ‘linguagem dos Nhandeva’, falada nas aldeias do Paraná, é considerada diferente da língua guarani ‘do sul’” (p. 51). Isso quer dizer que eles são Chiripá, mas a língua difere dos Ñandéva e está mais próxima aos Mbyá. Segundo o primeiro entrevistado, é tudo Guarani, mas há uma diferença linguística entre os pertencentes às aldeias distantes que são considerados, para eles, como estrangeiros.

O segundo entrevistado por Mello pertence aos Ñandéva e diz o seguinte: “O Chiripá e o Mbyá para nós são o mesmo, é o guarani do sul né. (...) Eu acho que o Chiripá e o Nhandeva não podem ser o mesmo”. Ele ainda explica que mesmo que todos sejam Guarani, há uma diferença no sistema linguístico, mas quando ele se refere à aldeia de Nimuendaju (antiga Araribá/SP) ou de Mato Grosso do Sul a sua afirmação é a seguinte: “Lá é o Nhandeva mesmo. Guarani do sul é diferente, não é o Nhandeva. Agora eu já vi nos livros que para os brancos eles também são chamados de Nhandeva...” (MELLO, 2007, p. 52). Ambos entrevistados são nativos e professores que pesquisam, tanto a diferença linguística e cultural, como os equívocos na classificação e nomeação da linguagem dos subgrupos Guarani.

Mediante o exposto até o momento, conseguimos definir mais claramente a origem do dialeto Guarani Ñandéva. Desse modo, podemos afirmar que ela é considerada um dialeto da língua Guarani, pertencente à família linguística do Tupi-Guarani, e que está ligada ao tronco Tupi. O Ñandéva é considerado pela maioria dos pesquisadores uma variação da língua Guarani, portanto um dialeto. Mas, mesmo com uma população de aproximadamente 13.000 pessoas, ela é falada por apenas 4.900 nativos Guarani, que também se autodenominam Avá Guarani (o termo Avá, significa “pessoa”), e na concepção de Rodrigues “o candidato mais provável a descendente do Guarani Antigo parece ser o Nandéva” (2011, p. 241-242).

### **6. Considerações finais**

## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

Nesse breve artigo, não nos aprofundamos em muitos detalhes quanto a história e cultura dos Nandéva, porém há vários outros relatos sobre os Guarani que são dignos de serem pesquisados. Isto é, deixamos aqui vários assuntos em aberto que podem ser pesquisados com mais riqueza de detalhes, tanto na cultura dos Guarani-Nandéva, como também em questões concernentes a sua língua, pois são encontradas variações nesse próprio dialeto falado pelos que habitam em regiões fronteiriças com o Paraguai e os que habitam a região sul e sudeste do país.

Precisamos também nos conscientizar mais sobre a importância dessas culturas que vêm sofrendo apagamento e são consideradas insignificantes pela maior parte da sociedade. A supervalorização das culturas ocidental e americana é uma grande barreira para que as pessoas se interessem pela cultura nativa que, tanto quanto as primeiras, é rica e também pode nos trazer vários ensinamentos, construídos por uma cultura milenar, com conhecimentos peculiares sobre ervas medicinais e a relação com a natureza que permeia todos os aspectos de nossa vida. Se conseguíssemos enxergar além desse mundo materialista e capitalista, certamente poderíamos enxergar essa riqueza cultural que está tão próxima de nós e não a valorizamos por causa da cegueira pelo poder e elevação do nosso próprio ego, que impede de nos tornarmos mais seres humanos e menos individualistas.

### *Referências*

BRASIL. IBGE. *Censo Demográfico*, 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em 27 maio 2018.

CONSEA – Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Brasil). *Tekoha: direitos dos Povos Guarani e Kaiowá*: visita do Consea ao Mato Grosso do Sul. Brasília: Presidência da República, 2017. Disponível em: <<http://www4.planalto.gov.br/consea/publicacoes/site/tekoha-direitos-dos-povos-guarani-e-kaiowa>>. Acesso em 08 maio 2018.

COSTA, Consuelo de Paiva Godinho. *Apyngwa rupigwa: nasalização em Nhandewa-Guarani*. 2007. 147f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 2007. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/268994>>. Acesso em: 28 maio 2018.

ISA – Instituto Socioambiental. *Povos Indígenas no Brasil 2006/2010*. São Paulo: ISA, 2011.

MELLO, Flávia Cristina de. “Mbyá e Chiripá: Identidades étnicas, etnônimos e autodenominações entre os Guarani do sul do Brasil”. In. *Revista Tellus*. Campo Grande. ano

## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

7, n. 12, p. 49-65, abr. 2007. Disponível em: <<http://www.tellus.ucdb.br/index.php/tellus/article/view/131>>. Acesso em 29 maio 2018.

MOTA, Juliana Bueno. “Os povos indígenas do Brasil: Situação atual dos Guarani e Kaiowa em Mato Grosso do Sul”. In. **Catedra Villarreal**. Lima, Peru. v. 1, n. 2, p. 117-128, jul/dez. 2013. Disponível em: <[revistas.unfv.edu.pe/index.php/RCV/article/download/14/14](http://revistas.unfv.edu.pe/index.php/RCV/article/download/14/14)>. Acesso em 29 maio 2018.

NIMUENDAJU, Curt Unkel. **As Lendas da Criação e da Destruição do Mundo como Fundamentos da Religião dos Apapocúva-Guarani**. São Paulo: HUCITEC/Edusp, (1914) 1987.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. “Os estudos de linguística indígena no Brasil”. In. **Revista de Antropologia**. São Paulo, v. 11, n. 1, p. 9-21, jun/dez. 1963. Disponível em: <<http://www.etnolinguistica.org/aryon>>. Acesso em: 28 maio 2018.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Línguas brasileiras: para conhecimento das línguas indígenas**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. “Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil”. In. **Revista da sociedade Brasileira para o progresso da Ciência. Ciência & Cultura: Línguas do Brasil/artigos**. São Paulo: Imprensa oficial, v. 57, n. 2, p. 35-38, abr/maio/jun. 2005. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n2/a18v57n2.pdf>>. Acesso em 27 maio 2018.

SCHADEN, Egon. **Aspectos fundamentais da cultura guaraní**. 3. ed. São Paulo: EPU/Edusp, (1962) 1974.

SCHALLENBERGER, Erneldo; SANTOS, Jovane Gonçalves dos. “Em nome da terra: um estudo sobre os sentidos da terra para os Guarani Nhandéva”. In. **Revista Tempo da Ciência**. Paraná. v. 21, n. 41, p. 45-68, nov. 2014. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/11019/7850>>. Acesso em: 28 maio 2018.

SEKI, Lucy. “A Linguística Indígena no Brasil”. In. **DELTA**. São Paulo. v. 15, n. Especial. p. 257- 290, 1999. Disponível em: <[www.etnolinguistica.org/lucy](http://www.etnolinguistica.org/lucy)>. Acesso em 27 maio 2018.